

Recensões

essa sobreposição de múltiplos registos diminua a originalidade poética da única obra, hoje conhecida, de Teofrasto.

A *Bibliografia*, criteriosamente seleccionada e actualizada, encontra-se repartida entre Edições e Traduções, e Estudos.

A *Tradução* de Maria de Fátima Silva distingue-se pelo rigor e pela mestria com que é respeitada a complexidade do original grego. A leitura resulta aprazível e estimulante. De notar, apenas, um certo desconforto resultante do modo como se inscreveu, no texto, a numeração das frases.

Por fim, as cento e oitenta e seis *Notas* que acompanham a tradução constituem uma valiosa ajuda para uma melhor compreensão do texto.

Agora, o leitor português pode usufruir de uma versão fidedigna e actualizada d'*Os Caracteres* de Teofrasto, numa edição extremamente cuidada e de boa qualidade gráfica.

MARIA FERNANDA BRASETE

ARISTÓTELES, *Retórica*. Prefácio e Introdução de Manuel Alexandre Júnior, tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse-Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: INCM, Estudos Gerais Série Universitária – Clássicos da Filosofia, 1998. 256 pp. ISBN 972-27-0909-7

Sendo ainda escasso o repertório de literatura clássica traduzida em português, em especial de obras não-literárias, de cariz teórico e técnico, vemo-lo finalmente enriquecido com um texto de grande importância: a *Retórica* de Aristóteles. Esta obra não foi a criadora de uma “das disciplinas humanas mais antigas e mais verdadeiramente internacionais” (p. 11), nem “o produto da mera idealização de princípios nascidos com ele e por ele convencionados para persuadir outras pessoas”, mas “o produto da experiência consumada de hábeis oradores, a elaboração resultante da análise das suas estratégias, a codificação de preceitos nascidos da experiência com o objectivo de ajudar outros a exercitarem-se correctamente nas técnicas de persuasão”, nas palavras de Edward Corbett (citadas na p. 12). Ora, com a sistematização de Aristóteles, a retórica constituiu-se como imagem de marca da educação e da cultura antiga, podendo dizer-se que tanto o seu ensino e posteriores teorizações como a sua prática jamais de desviariam da matriz por ele proposta, antes a desenvolveriam num ou noutro ponto, mesmo que por vezes essa matriz ficasse como que ofuscada ou sepultada. Matriz que caldeia experiências anteriores (a oratória sem retórica, a prática do discurso – já habitual entre os heróis homéricos – antes do surgimento da respectiva metalinguagem, na Sicília do século V a.C., com Córax, Tísias e logo após

Recensões

Górgias, passando pelas diatribes platónicas contra o estado da retórica de então) e institui, enquanto texto de charneira, uma tradição (como em tantos campos do saber percorridos pelo Estagirita). A primeira parte da Introdução, da autoria de Manuel Alexandre Júnior – que também assina a tradução do livro I –, conduz-nos pela origem da retórica e a formação do sistema retórico (pp. 11-14), até Aristóteles. A segunda parte (pp. 15-17) ocupa-se da definição, natureza e finalidade da arte, tarefa não fácil, dadas as diversas preocupações e ênfases visadas pelos diversos teorizadores, quer as colocassem no estatuto metodológico, no seu propósito, no objecto, quer ainda num fundo ético-moral. A definição de Aristóteles fica aquém de muitas outras quanto ao objecto, não a considera uma ciência cujo objecto seja a persuasão, mas antes uma “arte” (τέχνη) lógica, a outra face da dialéctica (1.1 p. 43) e a “faculdade” (δύναμις) de descobrir, caso a caso, os meios adequados para a persuasão (1.2 p. 48), eticamente neutral mas não neutra (contrariamente a Platão), na medida em que se faz depender do carácter do orador, e não do sistema da arte em si, a responsabilidade moral pela sua utilização. Na terceira parte, passa-se em revista o conflito entre a retórica e a filosofia (pp. 17-22), conflito que, entre aproximações e sínteses, por um lado, e discórdias, por outro, se traduziu sobretudo na restrição do campo da retórica a um dos ramos da *elocutio*, a estilística das figuras. Este conflito prolongou-se até ao nosso século, que viu surgir renovações da retórica que foram beber à fonte aristotélica, designadamente com C. Perelman: retórica como teoria da argumentação, sendo que “a verbalização do próprio discurso filosófico” se insere “no campo da retórica” (p. 20). P. Ricoeur, pelo contrário, preferiria permanecer na retórica literária, a da elocução. Das pp. 22 à 23, sumariza-se aquilo que é próprio do esquema aristotélico. Em seguida (pp. 24-32) é apresentado o plano e resumo do conteúdo da obra, após o que (pp. 32-39) – e seguindo na mesma linha cronológica – é feita uma síntese dos desenvolvimentos que o sistema retórico aristotélico conheceu, por impulso de teóricos peripatéticos, helenísticos e romanos, que o enriqueceram e lhe abriram novos caminhos onde Aristóteles apenas havia rasgado brechas. A partir de Hermágoras (com as teorias da θέσις / ὑπόθεσις e a das στάσεις ou estados de causa) diluíram-se os limites entre a retórica e a filosofia, e os retóricos romanos encarnam a síntese, também sob a influência do modelo educativo de Isócrates, de cariz sofisticado e em que a retórica integra a filosofia. De outra parte, assiste-se à literaturização da retórica, reduzida ao que diríamos uma espécie de “ciclo vicioso”: enquanto arte de criar textos escritos como também de os interpretar, e confinada cada vez mais a exercícios de escola. Finalmente (pp. 39-40) é apresentada a justificação da tradução.

Responsáveis pela à tradução (pp. 41-225) são: Manuel Alexandre Júnior, para o livro I; Abel do Nascimento Pena, para o II; e Paulo

Farmhouse Alberto, para o III. À tradução segue a bibliografia (pp. 227-237) e dois índices: um de termos técnicos gregos, acompanhados dos respectivos correspondentes em português (pp. 241-243); e um onomástico (pp. 245-247).

Em apreciação geral, saúda-se a qualidade do trabalho: a introdução é feita por um especialista de largos anos e labor na retórica, reconhecido não apenas entre nós como também no estrangeiro (recentemente viu a luz a edição em língua inglesa da sua tese de Doutoramento *Argumentação Retórica em Fílon de Alexandria*). Em cuidada síntese, que reflecte longo e constante amadurecimento na investigação sobre a matéria na vastidão dos seus domínios (Perelman falava num “império da retórica”, que se estenderia a quase todas as áreas do conhecimento humano e da cultura). A extensa e diversificada bibliografia é também testemunho dessa actualização. Relativamente à tradução, estamos perante um trabalho que, se se propôs, pelo recurso ao método da equivalência dinâmica e evitando o da correspondência formal (p. 40), transpor os conteúdos da obra para um português compreensível para o leitor de hoje, partindo de um original difícil, caracterizado pela “*breviloquentia* e pela densidade elíptica, exigindo por vezes uma reestruturação mais consentânea com a dinâmica própria da língua receptora”, efectivamente o conseguiu. Onde o grego de Aristóteles é tantas vezes quase ininteligível e excessivamente esquemático, o português é claro, apreende sem perdas e não desvirtua o original. Não talvez por acaso, a presente tradução ganhou o Prémio de Tradução na categoria Científica e Técnica da União Latina referente ao ano de 1998. As notas que acompanham a tradução são úteis instrumentos de comentário, não só nos indicando o termo grego ou se debruçando sobre a exegese do pensamento aristotélico em causa, como também nos introduzindo a explanação de um conceito ou remetendo para a tradição da teoria retórica.

Porém, há alguns pontos que carecem de comentário: (1) a nota 13 à introdução remete para Roland Barthes, *op. cit.*, p. 152. Ora esta é a primeira referência a este autor, pelo que se desconhece qual a obra a que se pretende referir. Além disso, haverá porventura erro quanto à localização da referência, porquanto a única referência deste autor na bibliografia consta como “L’ancienne rhétorique”, *Communications* 16 (1970), pp. 172-233. (2) Na p. 17, falta a nota 26, existindo a respectiva chamada no texto. (3) Dos Προγυμνάσματα do retor Téon de Alexandria é referida na bibliografia a mais recente edição: *Aelius Théon. Progymnasmata*, texto, introdução, tradução e notas de Michel Patillon. Paris: Les Belles Lettres, 1997; ao passo que as referências a esta obra provêm certamente da edição de James R. Butts, *The “Progymnasmata” of Theon: a new text with commentary and translation*. Ph.D., Claremont Graduate School, 1987, não repertoriada na bibliografia (cf. p. 39 notas 91 e 92 e p. 147 n. 78). (3) Na tradução do livro

Recensões

II, as notas 5 e 6 estão trocadas (p. 107). (4) Ainda no mesmo livro, dois métodos de referência às datas ante-cristãs: –440-339 (ou talvez melhor: 440-439, data da revolta de Samos contra os Atenenses) e – 352 (p. 125 n. 40); – 346 (p. 113 n. 20); mas 343 a.C. (p. 147 n. 79). (5) Na p. 147 n.79, onde se lê *Progymn.* 3 deve ler-se *Progymn.* 4 (sc. Capítulo).

Se exceptuarmos algumas gralhas, estes pontos não ensombram a qualidade do trabalho. Deverão, contudo, ser tidos em conta numa ulterior edição da obra, aquando da respectiva revisão de provas, no sentido de os corrigir e harmonizar. Fazemos votos para que essa segunda edição veja rapidamente a luz, o que será um duplo bom indicador: sinal do feliz sucesso da mesma assim como da boa recepção que a *Retórica* de Aristóteles ainda hoje merece.

RUI MIGUEL DE OLIVEIRA DUARTE

Alberto Bernabé, *Manual de crítica textual y edición de textos griegos*, Madrid, Ediciones Clásicas, 1992, XV & 261 pp., ISBN 84-7882-064-7.

A vasta experiência em crítica textual e edições de textos gregos de Alberto Bernabé Pajares, a quem se devem, entre outros trabalhos, a edição dos fragmentos épicos (*Poetae Epici Graeci*, Leipzig, Teubner, 1987), reflecte-se na presente obra, dirigida não apenas àqueles que tencionam abalançar-se à edição de textos gregos, mas também a quantos não pretendam ser mais do que “usuarios conscientes” das edições críticas. Os seus conteúdos estão articulados com base nos passos a seguir na preparação da edição dum texto grego.

No capítulo I (pp. 1-7), em prolegómeno, o Autor expõe alguns dos pressupostos que norteiam a actividade de crítica textual bem como da própria organização da obra. Ainda que assente em bases científicas, é esta bem mais uma arte, dependente não tanto de postulados teóricos exactos como duma experiência acumulada, ao longo de séculos, sobre casos concretos. A crítica textual pode ser entendida como a forma mais pura do exercício da filologia, juntamente com a lexicografia; não como o seu fim último, mas meramente como “via de acesso” à compreensão duma civilização. Além disso, há uma profunda interdependência entre os progressos desta arte e os de outras disciplinas (*u.g.* gramática, métrica, estilística, literatura ou história), porquanto estas fornecem ao editor outras bases de decisão na escolha das melhores lições. Pode a crítica textual (p. 2) ser definida como “el conjunto de operaciones ejercidas sobre un texto o varios textos alterados por diversas vicisitudes sufridas desde el momento en que fueran escritos hasta aquél en que llegan a nosotros, y encaminadas a